

PARLENDAS DOS QUARENT'ANOS

Danilo Gomes

«Névoas, chuvas, escuros — isso
tenho eu em mim.»

(FERNANDO PESSOA)

Rezam palimpsestos: a mandrágora emite um grito humano, quando cortada. Basilisco: aqui, serpente com uma mancha clara em forma de coroa na cabeça; ali, galo quadrúpede e coroado, de olhar mortífero. E o lépido gnu custodia as inóspitas savanas do Transvaal. (De um álbum antigo.)

Qual sílfide, ela bailava na manhã translúcida, iridescente, após a chuva noturna. (De um sonho, outrora.)

Por sua vez, a tarântula, de olhos medúsicos, espreitava com sádico gozo sua trêmula presa, um filhote de terneiro (ou de anho, com seu velo sedoso?).

O poeta dipsomaniaco, com mesa cativa na Gruta do Alvim, compunha líricos ditirambos em louvor de uma onírica Rapunzela — bela, boêmia, infiel, bovariana, desdenhosa.

Entrementes, o tridente de fero Netuno bifronte pasmava rudos pescadores da mística Bitínia. Palavras, parolagens, verbilúdica.

E olhando as vitrinas próximas ao Café de la Paix, na tarde opalescente, uma tânagra, a Bela da Tarde — tema para o pincel de Utrillo, Bonnard, Ismael Nery, J. B. Miranda.

E assim rompe a alba por sobre o planalto. Fim de uma noite insone. Andropausa, medo de enfarte, lembranças.

«Pompeiam hussardos e zíngaros pelas ravinas», sussura o lívido preboste ao ouvido do flébil hierofante, que, alheio, mordisca nêspers balcânicas.

Mas quem, na tarde violeta, ainda comporá vilancetes, elegias, madrigais?

Tenebrosas noites da Lapônia, de onde o sobrenatural não deserta jamais. Em contrapartida, é o Ródano romântico e a mítica Alsácia-Lorena, e são os melancólicos barqueiros do Tocantins e do Volga, e ainda o idílico Moldávia, e os velhos sobrados de Diamantina, onde ainda na noite se ouvem oboés, cravos, saltérios, flautas doces e os suspiros das sinhazinhas em flor.

Mas longe é o país dos bosquímanos e o dos tuaregues e o dos druidas e o dos gálatas, e mais longínquo o Eldorado nos portulanos de Balboa e Ponce de León.

E nesse comenos, o menestrel Paschoal, tocando sua avena entre plátanos e aveloses, sonhava desposar uma princesa monegasca. E entre pâmpanos e salgueiros, o pastor trácio ciciava uma pavana anacreônica para as Três Graças adejantes.

Quereis mais saber nesta tarde de chuva e solidão?

O gomil de alabastro, a ânfora de ônix, o escabelo de ébano e os coxins de púrpura no quarto azulado de Salambô. Ao longe, os zimbórios de pórfiro e as ondas cor de ardósia ao amanhecer.

«Bárbara bela, / do norte estrela»... (amantíssimo, tristíssimo, exiladíssimo Alvarenga).

Buganvilias, acácias, rosas de Drummond e Emilio Moura na antiga Praça, floridos flamboyants: onde os bondes de outrora, onde os bondes, subindo Bahia ou Pernambuco, descendo Floresta, trotando rumo ao Horto ou Santa Efigênia, nas tardes de um outono perfumado? (Chove sobre esse passado, caem gotas nas páginas de **Bonjour, Tristesse**, é o ano de 1957 em Belo Horizonte.)

E às portas da morte, o pesadelo de quem sempre se deu a leituras fantásticas: górgonas, cíclopes, cérberos, íncubos, súcubos, dráculas, hidras, onagros, gnomos, hipogrifos, unicórnios, lêmures, adamastores, e uma legião de demônios persas, babilônios, fenícios. Exorcizai-os, Monsenhor!

E depois, enfim, o mar. E no mar a praia. E na praia a paliçada. E na paliçada o tugúrio. E no tugúrio a morte. E na morte a vida, que não é tirada, irmãos, mas transformada.